



Director literario:

Arquitecto
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Juarez Collal
 PAPUSSE



O PRÉDIO N.º 3

NUMERO

POR

Mimi Grandella



Desenhos de EDUARDO MALTA



UMA das ruas mais soturnas de New-York, existia um prédio de aparência duvidosa.

Já o sitio era pouco convidativo.

Todos os dias, a altas horas da noite, se via entrar um sujeito elegantemente vestido, mas era a única pessoa que para lá se dirigia.

Rex, um rapaz que vivia para aqueles lados, intrigado com o misterioso personagem

que tanta vez via entrar para o também misterioso prédio n.º 3, dispõe-se um dia a averiguar o caso.

Rex tinha um irmão, mais novo do que ele 1 ano. Chamava-se este: — Bob.

Contando tudo ao irmão, convidou-o a irem os dois juntos, desvendarem o mistério.

Bob, muito mais irrequieto que Rex, achou excelente a proposta.

Por isso, uma noite, escura como brêu, dirigiram-se para as proximidades do dito prédio.

Meia noite. Na rua está tudo silencioso.

Ao longe, vê-se um vulto que caminha com precaução.

Aproxima-se, e dirige-se para a prédio n.º 3,

Rex e Bob, vêem-no e seguem-no.

O vulto sobe as escadas e introduz uma chave na porta do último andar.

Entra, e fecha-a novamente.

Os dois irmãos, depois de se terem consultado, resolvem subir ao telhado e inspeccionar o misterioso vulto.

Depois de descerem um pouco até à altura da janela, ficam extasiados ante o que vêem.

Sobre uma mesa, vêem-se vários objectos. Estes brilham tanto como um vidro exposto ao Sol.

Rex tira por conclusão que são brilhantes, pois há pulseiras de diversos feitios, anéis de vários tamanhos, medallhas, etc.

O vulto, que agora à luz forte da electricidade se distingue, é um homem duns 50 anos. Forte, espadaúdo, pouco simpático.

A dependência que Bob e Rex examinam está luxuosamente mobilada.

Sentado num confortável «maple», o homem mete os objectos numa mala de mão. Depois d'êste trabalho concluído, põe o chapéu e sai.

Rex e Bob dispõem-se a examinar a habitação. Para o conseguirem teem de partir um vidro da janela.

Bob foi o primeiro a entrar. — É melhor começarmos já a investigar a casa. — propôs Rex.

A única dependência mobilada do prédio n.º 3, era aquela onde se achavam os rapazes.

As minuciosas buscas que fizeram, resultaram infructíferas.

Descoroaçoados, voltaram para casa e não pensaram mais no facto.

* *

Passaram-se dias.

Uma tarde, estando Bob a lêr no jornal as notícias do dia, deu-lhe nas vistas o seguinte aviso:

MUITA ATENÇÃO

«Verificou-se que um hábil larápio, elegantemente vestido, tinha feito esconderijo dos seus roubos, na rua de tal, prédio n.º 3.

Como não temos indicação alguma, nem dados sôbre o autor ou autores da proesa, pedimos a qualquer pessoa que por um acaso tenha visto entrar alguém para o referido prédio, que venha prestar declarações pelo que receberá um prémio, se se descobrir o larápio que procuramos».

Polícia de Investigação de New-York.

Bob, ao terminar, foi a correr mostrar ao irmão, que se achava a escrever, o referido aviso.

Êste, quando acabou de lêr, não ficou menos admirado que Bob.

— Sabes Bob? Estou capaz de ir prestar declarações a respeito do que nós presencéamos naquela noite no prédio n.º 3. Que dizes?! Achas que vá? — perguntou Rex ao irmão.

— Vai, mas eu também vou, porque vi a mesma coisa que tu, respondeu Bob.

Resolveram, portanto, irem os dois contarem o que observaram, naquela noite, no já referido prédio.

Quando chegaram à esquadra, logo introduzidos no gabinete do Chefe, êste começou a interrogá-los.

— Quem são, e ao que veem os senhores? — perguntou êle aos rapazes.

Rex e Bob, depois de explicarem tudo ao Chefe, dispunham-se a retirar, mas êste não os deixou.

— Um momento mais, disse êle. Interessaram-me bastante as vossas declarações, por isso, peço-vos que me deixem ficar os seus nomes, as suas moradas e as suas idades, (continuou êle,) porque talvez ainda tenhamos precisão dos senhores, visto conhecerem bem o larápio.

— Eu, principiou Rex, chamo-me Rex William, tenho 20 anos e moro na rua de tal n.º 28, e meu irmão chama-se Bob William, tem 19 anos e a morada é a mesma.

Depois do Chefe ter assentado tudo num livro, disse-lhes que se podiam retirar.

Bob e Rex, foram direitos a casa. Não trocaram uma única palavra durante o caminho.

Pensavam ambos que ainda teriam muitos dissabôres e trabalhos com a brincadeira de terem ido prestar declarações à policia.

Com effeito, semanas depois, recebiam a seguinte intimação:

«Pedimos o favor aos senhores Rex e Bob William de se apresentarem hoje, sem falta, na esquadra» da

Polícia de Investigação de New-York.

Um pouco receosos, lá se dirigiram os pobres rapazes, novamente para a esquadra.

Como da outra vez, foram introduzidos no gabinete do Chefe.

Êste mal os viu, foi direito a êles jovialmente.

— Meus caros senhores, desculpem tê-lôs maçado outra vez, mas é-nos absolutamente necessária a vossa intervenção.

— Estamos às vossas ordens, senhor, responderam os dois irmãos.

— Muito bem; como lhes disse da outra vez que talvez precisassem dos senhores, com effeito o caso deu-se.

Prova-se que o larápio que os senhores viram, tem muitissimos cúmplices.

A policia que distribuimos pelos diversos pontos do país, não conseguiu apanhar nenhum dos do bando.

Tivemos ontem um rádio de Paris, comunicando-nos que os bandidos, com nome suposto tinham obtido passaportes e tinham entrado em Paris, sem que a mais pequena suspeita lhes tivesse estorvado os seus projectos.

E demais, ninguém conhece o chefe do bando, que é justamente o que me parece que os senhores conhecem declarou o policia.

E, prosseguindo, acrescentou: — Vou pois propôr aos senhores, a partida, dentro de 8 dias, como agentes policiaes, a fim





de ver se conseguem apanhar o bandido. O nome suposto que ele adoptou foi o de «Manuelito».

E então, aceitam?

Bob foi o que primeiro respondeu.

— Pedimos-lhes dois dias para reflectir, ao fim dos quais lhe comunicaremos a nossa decisão.

No prazo marcado, lá estavam os dois rapazes a darem a resposta.

— Aceitamos, mas com uma condição. Sermos só nós os agentes, não levarmos mais ninguém! — (propôs Rex).

Assim foi.

Quatro dias depois, partiam os dois, no Sud para Paris, onde contavam demorar-se algum tempo, como agentes policiais.

Correram Paris dum extremo ao outro, mas, a respeito de Manuelito, nem a sombra.

Aborrecidos, dirigiram-se para o «Hotel Savoy», onde estavam hospedados.

A hora do jantar, quando já estavam em meio, entrou na sala, um homem de aspecto acolhedor.

Os criados, quando o viram, distizeram-se em amabilidades.

Bob e Rex, notaram que o estranho personagem não tirava os olhos de cima deles.

Porquê? Seria por terem as braçadeiras de agentes? O caso fêz estranhar tanto os dois irmãos, que resolveram examinar também o homem, mas minuciosamente.

Ao princípio, o indiscreto personagem, não ligou importância, mas para o fim já não sabia como havia de estar.

Foi nêsse momento que Bob notou uma coisa muito importante.

O homem, constringido com o olhar dos dois irmãos, fizera um movimento que o traía.

Usava barba e suissas, e quando limpava a boca, uma parte do guardanapo levantou-lhe ao de leve uma das suissas, que Bob, com o seu olhar perscrutador, imediatamente notou serem postigas, participando logo ao irmão.

Levantaram-se no mesmo instante e foram direitos à mesa do desconhecido.

— Está preso, disse Rex, ao mesmo tempo que segurava por um braço o homem. Os hospedes todos, levantaram-se para protestar e perguntaram aos rapazes que provas tinham para prender aquele senhor que era em Paris o mais estimado e rico comerciante.

— Se é estimado e rico, não o sabemos, respondeu Bob, mas o que lhes garantimos é que este senhor está preso por intimação da policia de New-York.

Os hospedes, não responderam mas dirigiram-se para a porta de entrada da sala, onde um se atreveu a dizer: Não o deixamos partir sem os senhores nos darem provas que justifiquem a prisão do nosso comerciante.

— Ah, querem provas? disse Bob, pois então aqui as teem... e arracando as suissas e o bigode ao preso, que tentava fugir, mostrou aos hospedes um dissimulador e não o comerciante, como elles julgavam.

Êstes ficaram estupefactos e deixaram immediatamente passar Rex e Bob que se dirigiram para a esquadra de Paris, com Manuelito preso.

O Chefe da esquadra Parisiense logo que teve conhecimento da prisão de Manuelito, dispôs-se a interrogá-lo.

Soubese, então, o seguinte:

Manuelito, logo que chegou a Paris tomou conhecimento com Durant, o maior commerciante e industrial de Paris. Após as mais intimas relações com este senhor, o bandido que já conhecia todas as dependências do palacete do rico industrial, combinou com os cúmplices, com os quais estava em comunicação, um assalto que se deveria efectuar de noite, quando Durant estivesse a dormir e o pessoal todo.

Na noite marcada para o assalto, Manuelito e os seus cúmplices introduziram-se no escritório do commerciante, roubaram-lhe os cheques que puderam. Êstes, como não estavam assinados, desapontaram os bandidos, forçando-os a irem ao quarto do industrial.

Depois de terem amordaçado o pobre senhor, levaram-no com elles, para uma erva rua onde os bandidos costumavam reunir, e ai, depois de terem obrigado Durant a assinar os cheques, Manuelito, que era em imitador consumado, caracterizou-se de tal maneira que dava a impressão perfeita de Durant.

Assim disfarçado, Manuelito teve a coragem de nessa mesma noite ir ocupar o lugar de Durant, e com tanta pericia o fez, que ninguém notou a mudança.



A boa madrasta

POR MARIA DE LENCASTRE

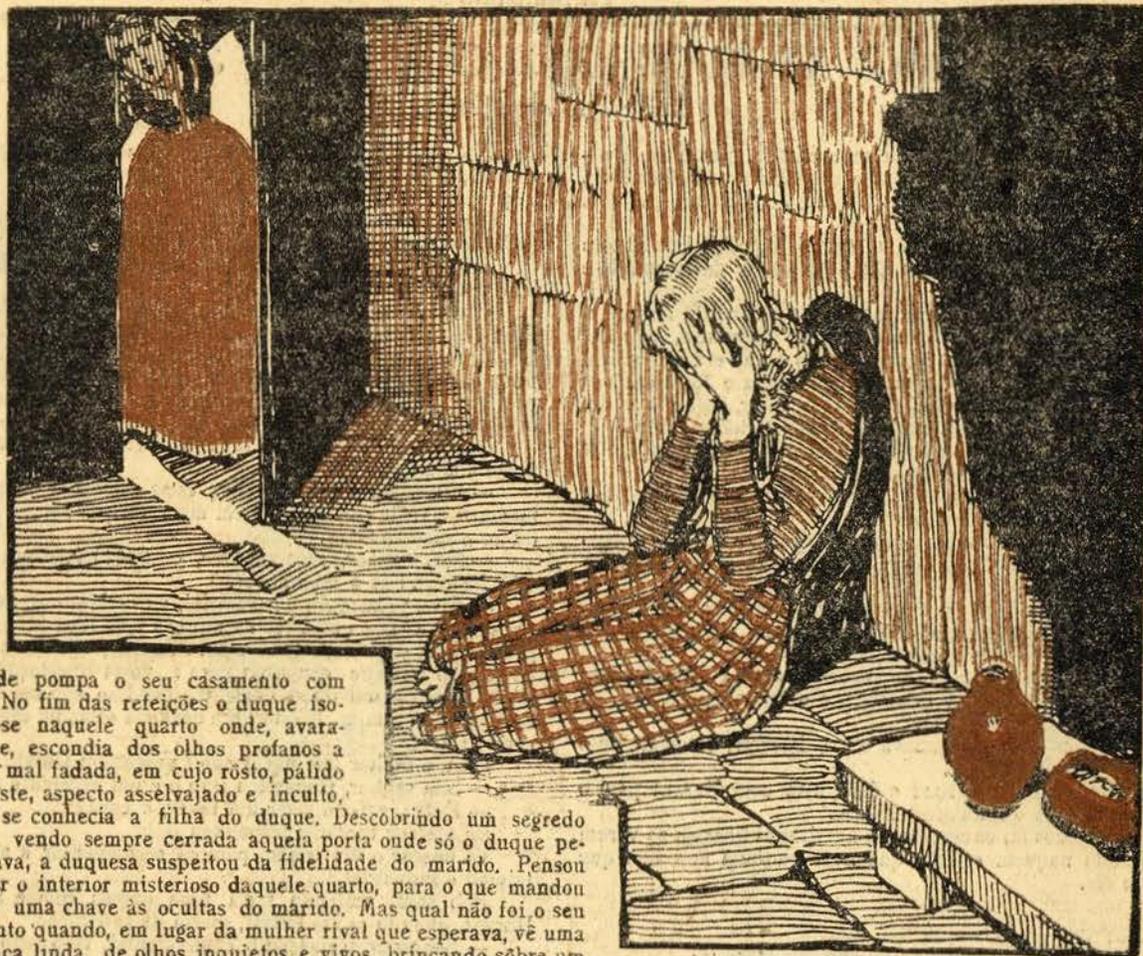
DESENHOS DE E. MALTA



UMA velha cidade dum país distante, havia um rei que tinha por conselheiro e amigo o duque de Almonza, casado com uma nobre dama daqueles reinos. Tinham só uma filha — enlevo e alegria dos pais. Um dia, o conselheiro, ao regressar duma longa viagem, encontrou a esposa gravemente enferma. Chamaram-se físicos e sábios de renome, vindos de países distantes, mas todos confessaram ser a doença incurável.

Com efeito, dias depois expirava, abraçada à filha num paroxismo de agonia. Ralado de saúdaes vivia o duque quando, um dia, um velho israelita, que entrou no átrio do palácio a pedir esmola, vendo a criança graciosa e linda, suspirou e disse: — Mal empregada menina tão linda e tão desditosa. Nasceu sôb um signo funesto e a sua vida encherá de vergonha e mágua o bom nome dos pais». Ao ouvir estas palavras o supersticioso duque estremeceu. Simulou uma viagem ao estrangeiro, encerrou o palácio e nos aposentos mais reconditos dêle, fechava a filha, isolando-a do mundo para evitar, assim, as faltas futuras previstas pelo israelita. Tempo depois, fingindo voltar, apareceu na côrte todo coberto de luto, noticiando a morte da filha sua única herdeira e seu affecto. Vivêu assim anos o duque até que um dia, perdido de amôres por uma dama da côrte, celebrava com





grande pompa o seu casamento com ela. No fim das refeições o duque isolava-se naquele quarto onde, avaramente, escondia dos olhos profanos a filha mal fadada, em cujo rosto, pálido e triste, aspecto asselvajado e inculto, mal se conhecia a filha do duque. Descobrimo um segredo nêle, vendo sempre cerrada aquela porta onde só o duque penetrava, a duquesa suspeitou da fidelidade do marido. Pensou violar o interior misterioso daquele quarto, para o que mandou fazer uma chave às ocultas do marido. Mas qual não foi o seu espanto quando, em lugar da mulher rival que esperava, vê uma criança linda, de olhos inquietos e vivos, brincando sobre um tapete. Estupefacta, a duquesa tomou a criança nos braços e dócilmente a levou para os seus aposentos, falando-lhe docemente com carinho e bondade. Só às horas em que o duque costumava regressar, encerrava a criança no seu quarto — negra cela de solidão e tristeza.

Procurando a duquesa arrancar do duque o segredo que o levára a enclausurar a filha, trava com êle o seguinte diálogo: Não tinhas uma filha? — Sim, (diz o duque, empalidecendo), mas a minha filha morreu! — E estranho, continuou a duquesa, que nunca me falasses dela. — A minha filha, diz o duque com voz cava e trêmula, se vivesse cobriria de vergonha e opróbio o meu braço fidalgo; presagiará-lhe um futuro de deshonra e vergonha! E o duque retirou-se; contrariado pelo recordar pungente dessa ideia que bastava a ensombrar-lhe a vida de remorsos e terrores. A duquesa ficou-se absorva. Então, o duque, o primeiro conselheiro do rei, êsse homem aparentemente tão bom, encerrava a filha num quarto, em lugar de cuidar esmeradamente da sua educação colocando junto dela exemplos vivos de virtude e honra?!... Ah! mas ela evitaria a filha adoptiva do seu amor as desgraças preditas, inculcando-lhe bons sentimentos de honra e bondade, inoculando na sua alma virgem, nobres aspirações do Dever e da Virtude.

Pedi a duquesa ao perceptor do príncipe que lhe leccionasse a afilhada que, dia a dia, mais crescia em graça e beleza, inteligência e bondade. Entusiasmado com a inteligência precoce de Lina (o nome da filha do duque), o sábio francês, seu professor, falou dela ao príncipe, com tanta admiração e ardor que êste começou a frequentar a casa do duque na esperança de a ver. Efectivamente, deslumbrado e extático, o príncipe viu o lindo rosto de Lina que acompanhava sempre a duquesa, envolta num ambiente de paz, doçura e virtude com que ela esculpia, com amor e ternura, a alma isolada de Lina, dedicando-se a essa missão com um devotamento que muitas mães não seriam capazes.

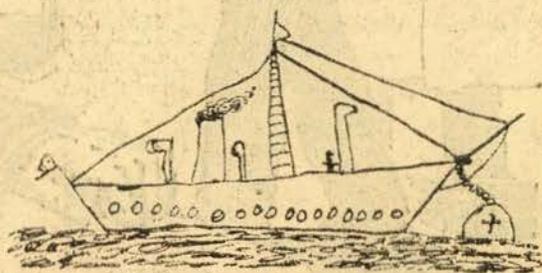
Apaixonado pela beleza alucinante de Lina, o príncipe, ardente sonhador, resolveu descobrir o mistério que a envolvia e, convidando o duque para jantar, foi-lhe mostrar todo o palácio desde os mais amplos e luxuosos salões até às de-

pendências inferiores dos servos, dizendo-lho ao despedir-se: «Amanhã vou jantar contigo, duque.»

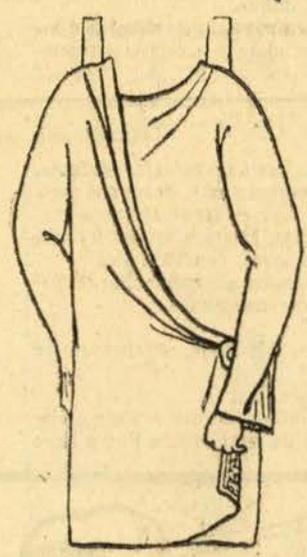
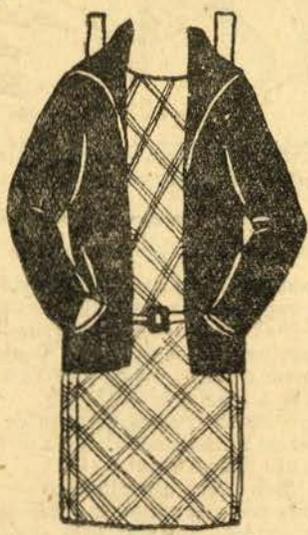
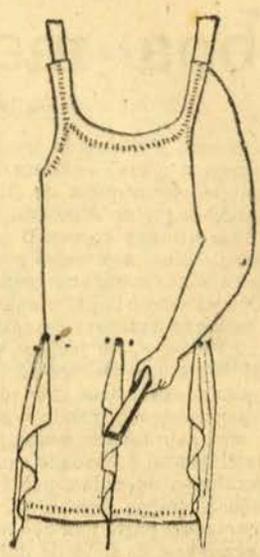
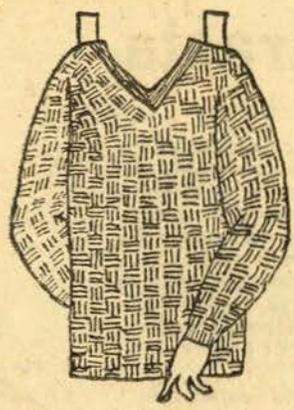
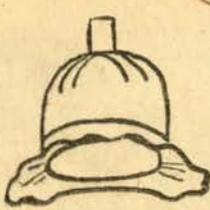
Grandes preparativos se fizeram no palácio do duque para uma recepção digna de tão alto personagem e foi tal o alvoroço que o duque se esqueceu da filha. Mas não a esquecia a duquesa que, mandando alcatifar e estofar todo o quarto, a ocultas do marido, para lá mandou os livros, o piano e o cavaletê de Lina, transformando, em poucas horas, aquele quarto sombrio num elegante gabinete de estudo. No dia seguinte, findo o jantar, o príncipe pediu ao duque que lhe mostrasse o palácio e, vendo que êste passava por aquela porta sem a abrir, fez-lhe notar. Mas... exclamou o duque, lívido e trêmulo, ali morreu a minha primeira esposa... e, nem sequer tenho já a chave — Mas tenho eu aqui uma, disse a duquesa abrindo a porta e mostrando Lina ricamente vestida, elegantemente penteada, com os graciosos anéis de cabelos sótos pelos ombros nus. Atônito e deslumbrado, extasiado e comovido, o duque olhava a beleza acariciadora e casta da filha que só agora via à luz radiante do Sol, da educação e do Amor; sem compreender mas, vendo-lhe a

(Continua na página 8)

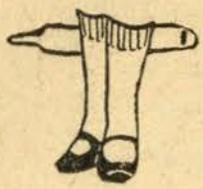
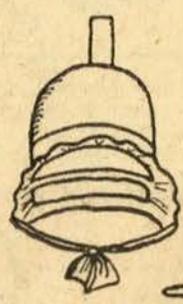
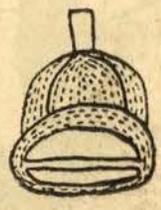
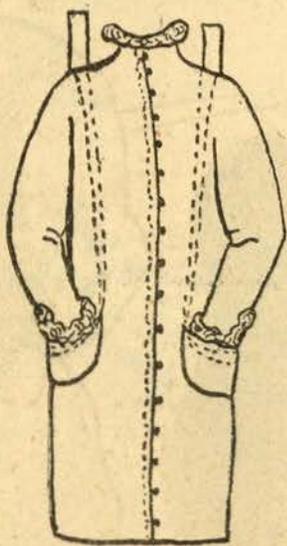
Colaboração infantil



Antônio Romão de Araújo (Lima), 9. Letra

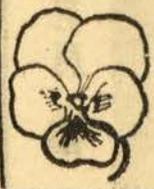


COMO
A MIMI
VESTE
A SUA
BONECA

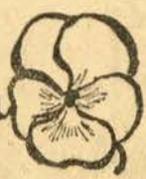


Modelos de vestidos
e chapéus

ENIGMAS PITORESCOS por Morenita



com



ga

Solução do anterior

Coração por coração,
Não deixes de amar o meu,
Que podes amar um falso
E o meu é leal ao teu.

A boa madrasta

(Continuação da página 5)

duquesa o pasmo, e querendo livrá-lo de embaraços disse com voz serena e grave! — Alteza, apresento-vos Lina Aldonsa Gabriela Henriqueta de Albuquerque e Noronha, filha única do duque de Almonza, vosso conselheiro e vas-salo e de sua primeira esposa. O príncipe curvou-se, reverente e disse: — Lina, aos vossos pés, deponho a minha mão, o meu reino e a minha espada e considerar-me-hei bem feliz se me quizerdes por esposo! » Entretanto o duque, vendo a felicidade e ternura que irradiava do rosto da esposa, compreendeu tudo, curvou-se, e, de joelhos, cobria de beijos e lágrimas de gratidão, a mão da esposa.

Lina, olhando-os, disse com voz acariciadora e firme: Alma excepcionalmente grande e nobre, capaz de todos os sacrifícios, meu anjo tutelar, minha mãe, eu te agradeço todo o afecto, inteligência e bondade com que soubeste guiar no caminho escabroso da vida a pobre órfã desamparada... a comoção não a deixou prosseguir. Nesse mesmo dia, um arauto foi enviado a participar aos reinos vizinhos o próximo enlace do príncipe e da filha do duque.

Decorreram anos. Lina foi sempre rainha virtuosa e inteligente, amada e feliz. O duque adorava a esposa e relem-



brava sempre com gratidão e afecto, a dedicação e sacrificios da que soube ser tão boa madrasta.

(Continuação da página 6)

Não tenho rapazes que faça meus sucessores, portanto, se vós quizerdes aceitar o meu oferecimento, deixo aos dois, em parte iguais, as minhas fábricas e os meus armazéns.

Para as outras minhas filhas, ficará a minha fortuna pessoal que lhes deve chegar de sobra, concluiu ele.

Rex e Bob são comovidos ficaram que não achavam palavras com que agradecer ao rico comerciante.

Seguiram-se 6 meses.

Na igreja de «Noire Dame», em Paris, celebravam-se dois casamentos.

Um o de Bob e o outro o de Rex.

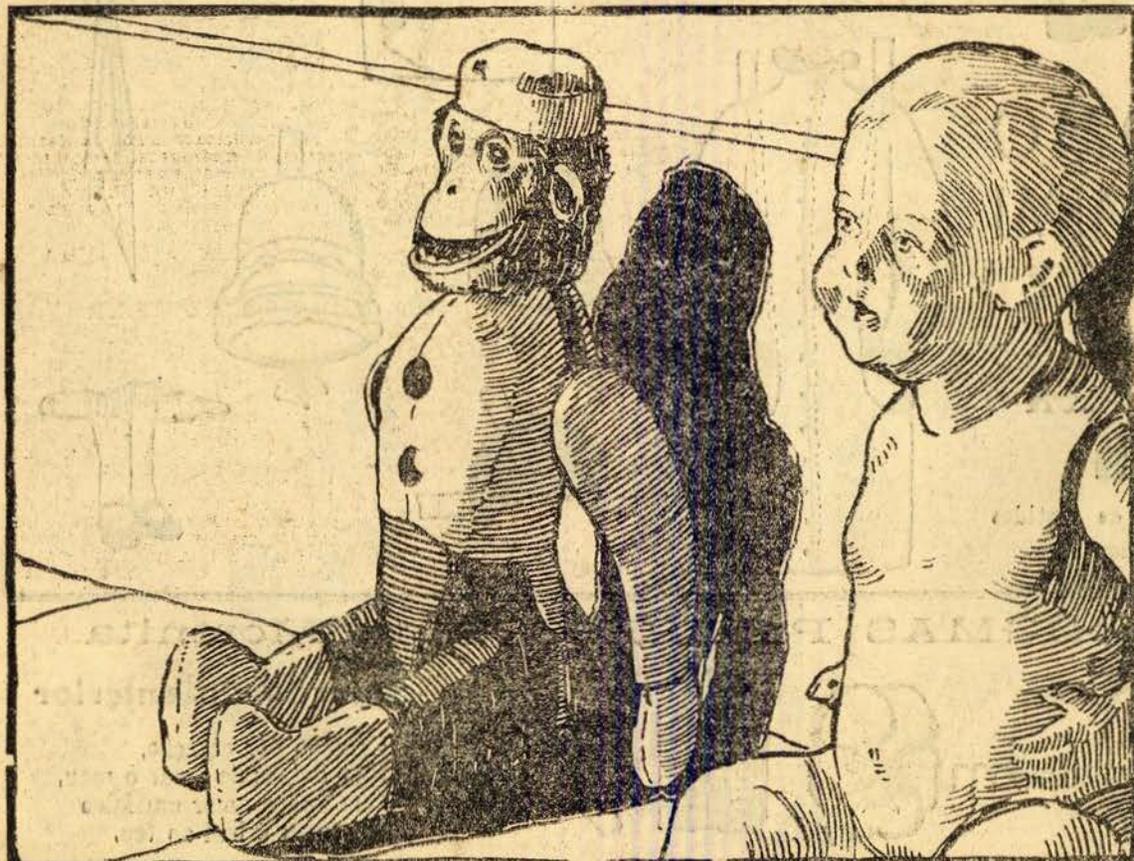
Bob, recebeu por mulher, Marina, a interessante e elegante morena de cabelos negros de azeviche, e Rex a loira

Branca. Poderia andar toda a vida à procura, que não acharia rapariga mais trabalhadora e arranjada do que aquela.

Rex e Bob, são hoje grandes industriais, e, como tudo o que hoje são, o devem ao sogro, o falecido Durant, compraram o prédio n.º 3 de New-York, que foi o prédio que originou a felicidade de ambos.

Quando fizeram um ano de casados, inauguraram no referido prédio um asilo para orfãos, ao qual puzeram o nome de: Asilo Durant.

Bob e Rex, são estimados por todo mundo e muito mais ainda por suas mulheres e filhos, não sabendo estas o que mais hão-de inventar para sempre os verem alegres e felizes.



PA-
RA
OS
ME-
NI-
NOS
CO-
LO-
RI-
R E M